

Textos Doutrinários



AOS JOVENS CENTRISTAS, AOS JOVENS PORTUGUESES

(DOCUMENTO ELABORADO COM BASE NA EXPOSIÇÃO ORAL DE FREITAS DO AMARAL AO 1.º CONGRESSO DA JC, REUNIDO EM BRAGANÇA)

1. O QUE SOMOS

Sendo um elemento embora autónomo do CDS, a Juventude Centrista aceita, no essencial, os aspectos fundamentais da doutrina do CDS. E é também, por isso mesmo, uma organização democrática, numa organização centrista, numa organização social.

I. Em primeiro lugar, uma organização democrática

a) Significa isto que a Juventude Centrista tem de dar o exemplo de uma estruturação interna democrática e de uma acção exterior democrática também.

Tem de ser democrática na sua estrutura interna, o que o mesmo é dizer que todas as atitudes, que todas as designações, que todas as escolhas têm de ser feitas com base no princípio democrático da eleição.

Outro aspecto da estrutura interna democrática é o da necessidade da participação e do diálogo. O que é fundamental numa organização democrática é a participação de todos para que todos façam ouvir as suas opiniões. E como é fácil ver resolvidos os problemas por esse método democrático que é o da votação!

Quando as organizações não são democráticas, tudo é difícil: os dirigentes não sabem o que hão-de resolver, não sabem quem hão-de nomear. Começam as pressões, as cunhas, as intrigas e... quem tem a responsabilidade de decidir acaba sempre por ficar na dúvida sobre se a decisão que tomou ou a que vai tomar é a melhor. Grande superioridade, porém, a de uma organização democrática: chegado o momento das votações, tudo cessa — discussão, diálogos, confrontos. Faz-se o voto e o voto dá a solução! Solução essa, que vigora até ao momento em que, nos termos das regras, se faça uma nova votação, uma nova eleição, uma nova consulta.

Custa por vezes aceitar a decisão da maioria. Custa por vezes ver que as decisões que obtiveram a maioria vão vigorar, quando nós temos porventura uma opinião diferente e pensamos convictamente que a nossa opinião é melhor — por vezes estamos mesmo a ver os inconvenientes da solução acolhida.

Mas essa é a grandeza da democracia. É o respeito que as minorias, ou aqueles que não viram os seus pontos de vista aprovados, manifestam e dão provas relativamente à decisão que maioritariamente foi tomada. Todavia, é de atentar, como exemplo de actuação e de comportamento democráticos, aquele que ficou porventura na História como um dos actos mais notáveis e que foi o do antigo Primeiro Ministro inglês, Winston Churchill, nas eleições que se realizaram na Grã-Bretanha, logo após a Segunda Guerra Mundial. Como se sabe, Churchill conduziu a Grã-Bretanha à vitória, participou na vitória dos Aliados, foi um herói nacional da Inglaterra e, uma vez terminado o período difícil da Guerra, convocou eleições gerais. Ele, que era o grande herói britânico, sem dúvida o homem mais prestigiado do seu País e que tinha acabado de ganhar uma das mais difíceis, senão a mais difícil guerra em que o seu País se tinha já mais envolvido na História, foi derrotado nas eleições, que deram a vitória aos trabalhistas. Pois... no dia seguinte, sem um queixume, sem uma reprovação, sem a mais pequena prova de mau humor, Churchill, o grande herói nacional da Grã-Bretanha, comparecia na Câmara dos Comuns, sentava-se na primeira fila dos bancos da Oposição, onde calma e civilizadamente passou a ser, durante anos, o chefe da Oposição... Este é um magnífico exemplo de comportamento democrático e de aceitação do veredicto das urnas, mesmo quando ele parece ser profundamente injusto ou menos conveniente!

b) Mas uma organização democrática tem que o ser, não apenas na sua estruturação interna, mas também no seu comportamento perante o exterior. Esta moção tem de ser muito clara e muito nitida.

A Juventude Centrista é uma organização democrática, que não adopta comportamentos violentos, embora possa ter a necessidade de utilizar a força para se defen-

der. Que isto nunca chegue a ser necessário! Que a nossa força, que a nossa organização, que a nossa projecção crescente sirvam de tal maneira de elemento dissuasivo, que ninguém se atreva a meter-se conosco. E será justamente na serenidade dos nossos comportamentos no volume e dimensão impressionantes das adesões à JC que estará como já é, a melhor dissuasão contra quaisquer tentativas de agressividade por parte de terceiros. O nosso Lema será, neste particular — «TAO FORTES, QUE NAO VIOLENTOS»

II. Em segundo lugar, a JC é uma organização centrista, e esta é, porventura, uma característica difícil de assumir, sobretudo nas idades mais jovens.

O Centro é a moderação, é o equilíbrio, é o predomínio da razão sobre os sentimentos ou as emoções. É o pragmatismo da busca de soluções sensatas e convincentes. Não é a exaltação de grandes ideias ou de grandes utopias, que depois se revelam impossíveis, ou inviáveis, ou até injustas.

Durante muito tempo, houve neste nosso País a tentação de esquerda. Todos sabem que assim foi.

Se, hoje, isso começa a desaparecer para muitos, é bom que se recorde que, durante meses a fio, as pessoas foram tentadas em Portugal por essa sedução de ser de esquerda ou de se comportar como esquerdistas.

Nós, porém, sempre soubemos resistir serenamente a essa tentação, porque a esquerda é o colectivismo, é o estatismo, é a sujeição da pessoa até à máquina, à engrenagem, ao todo, e nós, que somos personalistas, não podemos deixar atrair-nos por essa sedutora miragem que vê no Estado, ou na colectividade, ou na organização, todos os méritos capazes de substituir, de arregimentar, de submeter a pessoa.

Para nós, a pessoa é o valor fundamental e é justamente em nome da primazia da pessoa que nós não somos da esquerda, porque não a queremos ver dissolvida ou agrihoada na colectividade, no Estado todo-poderoso.

Agora, atenção!

Agora que os tempos mudam, agora que mais liberdades são garantidas, agora que certas dificuldades passaram, nova tentação se avizinha e começa a pretender tomar conta dos espíritos neste país. É a tentação da direita, também sedutora, também tentadora, mas também errada em nossa opinião, já que nós não queremos instalar neste País o autoritarismo que é próprio da direita.

Não queremos instalar o culto dos privilégios para meia dúzia. Mas o culto da igualdade para todos. Porque nós não queremos ver este País entregar-se de novo à tentação de um qualquer D. Sebastião que venha das brumas e do nevoeiro salvar o País, longe e de costas voltadas para os portugueses que, estes sim, são o País. As pessoas estão cansadas de políticas. As pessoas estão cansadas da revolução. As pessoas estão cansadas de actividades públicas. Mas isso não quer dizer que essas pessoas possam ou devam entregar-se ao sonho cómodo, mas perigoso, de que há-de vir alguém para se ocupar dos problemas e resolver as dificuldades do País, automaticamente... sem ouvir ninguém. Sob pena de amanhã as pessoas também estarem cansadas, mas... não poderem já mudar os governantes, senão por meio de violência, ao contrário do que a democracia e a liberdade hoje permitem.

As dificuldades ou serão resolvidas pelos portugueses, por todos os portugueses, através da sua participação política numa democracia pluralista, ou senão apenas adiadas para um novo momento em que nova revolução voltará a cometer os mesmos excessos que esta infelizmente cometeu.

Portanto, estejamos atentos. Estejamos firmes. Assim como soubemos resistir à tentação da esquerda, quando era moda ser da esquerda, não nos deixemos ir agora atrás da sedução de comportamento, ou reacções, ou mesmo de ideias de direita, quando estão a ser moda de direita.

III. Centrista e democrático o nosso Partido e, portanto, a JC é também uma organização de cunho vincadamente social.

Nunca deve perder-se de vista este aspecto ou esta dimensão social do nosso projecto político e da nossa mensagem. Nós temos na nossa doutrina, no nosso programa e na filosofia cristã que os inspira, temas fundamentais e soluções que nos permitirão ir tão longe, ou mais longe, do que qualquer outra força política. O nosso Partido, a nossa organização, além de cultivar o bom senso, de cultivar a razão, de cultivar a moderação, é intrinsecamente, profundamente, um movimento revolucionário. Porque ser revolucionário não é gritar, não é falar alto, não é agredir, não é ameaçar. Ser revolucionário é ser capaz de transformar um País cheio de injustiças, num País próspero cheio de igualdade.

É oportuno aqui citar a frase de um grande político norte-americano, que tentou ser revolucionário e por isso mesmo foi abatido — refiro-me a Kennedy — e que um dia disse alguma coisa que pode muito aplicar-se ao nosso País: «Aqueles que tornam a revolução pacífica impossível, tornarão a revolução violenta inevitável». É preciso tornar possível uma revolução pacífica, até porque a revolução violenta já mostrou em Portugal que, sendo porventura inevitável, não serviu para nada, senão para tornar mais difícil ainda a verdadeira revolução necessária.

2. AS RESPONSABILIDADES DA JC PERANTE O CDS

Acima ficaram enunciadas as responsabilidades da JC perante a juventude portuguesa. Sendo aquela a sua mensagem, cabe sedimentá-la, divulgá-la e desenvolvê-la, por forma a atrair à prática centrista e ao pensamento personalista e democrático social, de raiz cristã, um número cada vez mais volumoso de jovens entusiastas.

Porém, o que pretende ainda o CDS da JC?

O CDS pretende da JC que ela consiga ser, o melhor possível, três coisas fundamentais: uma escola de formação, um grupo de acção e um pólo de exigência.

I. Em primeiro lugar, uma escola de formação

Todos nós precisamos de aprender. Mas a juventude tem uma dupla necessidade de se formar, de se aperfeiçoar nos domínios da Política, das questões económicas, sociais, educativas e diplomáticas. Dupla, porque, por um lado, coincide com a de todos os portugueses que têm de abrir os olhos para a realidade política e formar-se nela; mas, por outro lado, porque o futuro é da juventude. É na juventude de hoje que estará o construir do amanhã e, se os adultos de hoje ainda podem ter uma desculpa porque não estavam preparados para a democracia que lhes caiu nas mãos, os adultos de amanhã não terão já essa desculpa.

A Juventude Centrista tem pois de ser uma escola, uma escola de formação. De formação humana antes de mais. De formação política depois. E de formação centrista, de formação nos princípios e nos valores do CDS, para que daqui saiam os militantes e os dirigentes do CDS de amanhã. Temos de caminhar de forma tal que, dentro de poucos anos os principais dirigentes do CDS Senior sejam pessoas que tenham passado pela JC.

II. Em segundo lugar, a JC tem de ser também um grupo de acção.

Tem de ser um grupo de acção eficaz nos vários domínios e sectores em que pode desenvolver as suas actividades. Desde logo no apoio ao próprio CDS. Mas tem que ser também um grupo de acção para intervenção nos próprios domínios que são específicos da JC. Deste modo, na acção Escolar, nós hoje felizmente estamos implantados em numerosos estabelecimentos de ensino; temos até já ganho eleições em vários estabelecimentos de ensino.

É preciso continuar activamente nessa senda. Mas não basta ganhar as eleições. É preciso desempenhar correctamente as funções para que se foi eleito. Todos os membros da JC devem em larga medida mobilizar-se para apoiar e mobilizar aqueles jovens centristas que foram já eleitos para cargos de responsabilidade, nomeadamente para estabelecimentos de ensino. O CDS pela sua parte tudo fará para os apoiar nessa tarefa. Eles não podem falhar e sobretudo não poderão falhar por falta de apoio dos seus colegas e por falta de apoio do CDS. Todos temos que nos dar as mãos para que o exercício desses cargos por membros da Juventude Centrista seja um exemplo e seja um facto de novas vitórias no campo do ensino.

A JC porém não poderá limitar-se à intervenção nos domínios de acção escolar. A JC é um movimento de juventude no sentido amplo da expressão e não apenas um movimento da juventude escolar. A JC tem que dar a maior importância a todos os domínios de actuação nos sectores de juventude não escolar, nos sectores de juventude profissional. A JC tem que ser cada vez mais, aquilo que felizmente já é: um movimento de juventude popular com fortes raízes em todas as camadas da população com ramificações profundas em todos os sectores sócio-profissionais.

A JC tem até à sua frente um desafio — o de ser a ponta de lança que vai abrir caminho para a consolidação do CDS no meio sindical português.

III. Em terceiro lugar, o CDS pede ainda à JC que seja um pólo de exigência.

Isto é, que seja um factor permanente de reclamação de exigência e de qualidade nas actuações do CDS. Tudo o que é humano está sujeito a deteriorar-se. Está sujeito a degradar-se. Está sujeito a perder fôlego.

Ora, para compensar esta tendência natural para a perda de ritmo, é preciso que haja uma organização, um movimento, que seja o agulhão que seja a chamada permanente de atenção para a necessidade de manter a qualidade, manter o ritmo, manter o esforço. A JC tem, pois, neste aspecto, um papel extremamente importante, exigindo a todo o momento que o CDS não desanime, que o CDS não se modifique, que o CDS não se emburçuese.

3. AS RESPONSABILIDADES DA JC PERANTE PORTUGAL

Finalmente, terceira e última grande responsabilidade da Juventude Centrista. Uma responsabilidade directa perante o país.

O nosso país está muito necessitado de sangue novo e de entusiasmo. O país está sobretudo necessitado de alegria. Quem melhor que a Juventude Centrista poderá dar essa nova dimensão ao nosso país.

Temos de praticar neste país o culto do progresso. Não podemos continuar mais a olhar para trás, a olhar para o lado ou a olhar para baixo. Temos que entusiasmar os portugueses num projecto colectivo de reconstrução nacional. Temos que dar a este país a noção de que, finalmente, tem de entrar na era da eficiência. Temos que significar que não podem os portugueses ser ninguém no mundo, se continuarem, (como sempre, ou quase sempre, têm feito) apenas preocupados em relação a cada problema, a encontrar sempre as muitas razões pelas quais as coisas não se devem fazer. Pelo contrário, nós temos de encontrar a cada momento as razões pelas quais as coisas têm de ser feitas.

Temos de nos transformar. Temos de nos transformar depressa. Temos de nos transformar bem.

Precisamos também de dar a este país dimensão europeia. Não podemos continuar a ver as coisas apenas na óptica mesquinha do pequeno rectângulo à beira-mar plantado. Nós somos Europa. Nós somos Ocidente. Nós temos de assumir essa nossa condição de europeus. Isto pode permitir-nos rasgar horizontes, abrir perspectivas e encontrar na nossa frente algo de muito grande a realizar nas próximas décadas. Portugal durante séculos viveu fundamentalmente a contemplar a sua triste história e a contemplar o Atlântico. Nós temos de ser capazes neste momento decisivo da nossa História, de fazer com que Portugal passe a pensar, em vez de só na História, no futuro; em vez de só no Atlântico, na Europa.

Tudo isto nos atrai para a necessidade de repensar o conceito de patriotismo. Nós temos de ser capazes de meditar um novo conceito de patriotismo.

O patriotismo andou muito tempo associado ao Nacionalismo, ao Conservantismo e ao Autoritarismo. Nós temos de descobrir um novo patriotismo que seja Europeu, que seja progressista, que seja democrático. Temos de encontrar um patriotismo que não seja transpersonalista ou colectivo, mas profundamente personalista. Temos de encontrar um conceito de patriotismo que em vez de apontar para a construção de impérios aponte para a construção da justiça. Temos de inventar um conceito de patriotismo que não seja assente na glória das batalhas, mas sim na glória do bem fazer. Temos de encontrar um conceito que em vez de exaltar a morte, exalte a vida.

Alguém disse um dia: «agora que o meu país não está em guerra, o patriotismo não consiste tanto em morrer pela pátria, mas sobretudo em viver para ela».

Aquilo que nós todos desejamos é que todos saibamos ser verdadeiramente patriotas — isto é, que todos saibamos viver completamente para o progresso e para a justiça em Portugal.